

ENTRE DISCURSOS QUE RESSIGNIFICAM TERRITÓRIOS, FRONTEIRAS E SUJEITOS NA LITERATURA BRASILEIRA

Profa. Dra. Olga Maria Castrillon-Mendes (UNEMAT)¹

Resumo:

Propomos estudar o processo de construção dialética de uma literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Tais experiências intersubjetivas serão vistas como forças díspares e singulares que constroem mecanismos de articulação entre arte, cultura e política, transformando o modo de ver/sentir as relações sujeito e sociedade. Assim, é possível reconhecer o movimento de construção das identidades, das fronteiras diversas, das territorialidades como função da história, da literatura e de outras manifestações de linguagem na construção de conceitos ressemantizados em e pelas “regiões culturais” (Ángel Rama, 2001) que compõem o cenário latino-americano. Significa, enfim, trabalhar por paradigmas, neutralizando a falsa dicotomia entre universal e particular, como propõe Giulio Agamben (2006).

Palavras-chave: campo intelectual, territórios, fronteiras, Mato Grosso.

1 Introdução

Esta comunicação objetiva discutir o campo intelectual constitutivo da cultura e da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Para isso, leva-se em consideração o processo de construção política e social em que se insere. Implica trazer questões de fronteiras e territórios, dos espaços múltiplos dos campos de produção, abarcando o conjunto do nacional em que o particular (regional) está em função do social numa perspectiva dialética do estudo da literatura produzida em outros eixos e espaços de representação. Tais espaços fazem parte dos projetos coloniais de poderosas forças que, externamente, tendiam à utópica unificação, mas atravessada pelas diversidades inerentes às culturas do continente.

Nas diversidades, Ángel Rama (2001) vê a existência, não de homogeneização, mas de “regiões culturais” desintegradoras. A noção de fronteiras rígidas passam a ser rediscutidas, criando novas relações identitárias. Nessa configuração é possível desregionalizar o que se entende por Mato Grosso, por exemplo, ou por Amazônia. Que Mato Grosso e que Amazônia? Há, nessas linhas de força, uma máxima amplitude e o que se produz em termo de cultura-mundo, traduzindo/traindo a unidade e produzindo culturas internas que se marcam pelas singularidades.

Rama definiu a condução do campo intelectual e artístico pela compreensão da hegemonia cultural estabelecida pela “cidade letrada” em detrimento da cultura produzida nas áreas rurais, fato que favoreceu o fortalecimento da ideia de “regionalismos” de fortes raízes na história literária. Nessa dinâmica, coloca duas forças de oposição: uma das “regiões internas” e outra, dos grupos intelectuais, cada qual testemunhando suas

¹ Professora Doutora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Letras-UNEMAT/Cáceres). Do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e do Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (UFMT/CNPq) olgmar007@hotmail.com

peculiaridades (RAMA, 2001, p. 291). Esse movimento, que não é novo (já se vê em Euclides da Cunha e Mário de Andrade), dá conta de tirar do apagamento uma camada social com direito a voz o que testemunha, tanto a canônica narrativa de Guimarães Rosa, como a do pouco conhecido Ricardo Guilherme Dicke em construções estéticas que reivindicam o espaço de significação e faz da linguagem instrumento de luta contra a discriminação e a submissão. O processo pode ser melhor explicitado pela noção de “transculturização narrativa”, como foi incorporada por Rama.

Para o crítico uruguaio a transculturização é um desafio apresentado aos processos de aculturação e ao próprio regionalismo. Para isso, apresenta-a nos níveis linguístico, da estruturação e da cosmovisão articulados na construção de um sistema literário. O primeiro revitaliza a língua regional (a oralidade) que singulariza a narrativa; o segundo articula os elementos regionais, dando-lhe significação própria e o terceiro nível é o do processo criador em que brotam os valores e as ideologias. Nele, o escritor propõe o “exercício de pensar mítico”, a recuperação de elementos apagados pelo saber letrado que preexistem nos repertórios fabulosos ainda inexplorados pelos regionalismos. A junção desses níveis compõe o projeto literário definidor das literaturas no macrossistema latino-americano, pois “as operações narrativas de transculturização proporcionarão os achados mais consideráveis, a ponto de superar amplamente as propostas modernizadoras, suplantando-as no próprio terreno em que eram formuladas” (RAMA, op. cit.).

Nesse percurso pensado por Rama, encontro sintonia com a articulação do pensamento utópico de Benjamin Abdala Júnior, na análise das formas literárias de fundo mítico que apontam perspectivas para o estudo comparado das literaturas de língua portuguesa. Atualiza, portanto, a estrutura mítica, reapropriando-a no seu respectivo tempo histórico e a serviço dos agentes de poder.

Assim, é possível compreender o que Walter Mignolo coloca como construção disciplinária de um campo de pesquisa construído pelo *canon* em que se impõe o modelo e se estabelece o sistema. Enquanto a constituição do *canon* representa a estética e o gosto daqueles que regulam as práticas discursivas, a configuração do *corpus* reflete, em troca, os princípios que regulam a ocupação do estudo das práticas discursivas (MIGNOLO, 1990). Isso não significa que se pretende substituir o *canon* (por outro), mas re-ver o *corpus*, não perdendo de vista a interior diversidade que caracteriza o continente.

Tais experiências intersubjetivas são vistas como forças díspares e singulares que constroem mecanismos de articulação entre arte, cultura e política, transformando o modo de ver/sentir as relações sujeito e sociedade. Desta forma, é possível reconhecer, a partir de um espaço externo considerado como canalizador da circulação cultural, o movimento de construção das identidades, das fronteiras diversas, das territorialidades como função da história, da literatura e de outras manifestações de linguagem.

2

Em suas últimas publicações, Benjamin Abdala Júnior (2007, 2007b, 2012) tem-se dedicado aos estudos do processo discursivo de uma literatura dialética “em processo” que abarca os múltiplos campos dos referentes sociológicos e históricos e nas noções de comunitarismos e sobrevivência (ou não) da forma. É através de uma projeção mítica (como em Rama), mas também utópica, que entende a reatualização do devir da escrita engajada, uma vez que os escritores socialmente mais antenados buscam o que ele chama de uma “consciência de ofício com sentido político” em que é possível a criação de estratégias discursivas de transformação do texto. Não mais a repetição da forma, mas a recriação delas, numa via de mão dupla com o sujeito, o leitor-recriador. Seu parâmetro comparatista é o continente africano recém saído das lutas pela libertação nacional e social,

cujos resultados, próximos aos processos latino-americanos, possibilitaram a criação de um domínio linguístico próprio da “plenitude de suas articulações ideológicas” em que não é mais possível pensar-se em produção cultural “regionalista”, mas numa polissemia onde o particular se explica na dinâmica do social (ABDALA JÚNIOR, 2007, pp. 271-278). Daí a analogia propícia para se estudar as produções de margem em que não cabe mais o antigo esquema de expressar valores inquestionáveis e que foram resultados de apropriação colonial, mas perspectivas dialéticas de estudo das literaturas dos continentes tidos como *periféricos* como é o caso da América Latina, África e Caribe.

Nessa conjuntura é plausível trazer o que Pierre Bourdieu denomina de *discurso performativo* para pensar o discurso considerado regionalista, tendo em vista “impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora”. Sabe-se pela linguística benvenistiana que o dizer enunciado pretende-se que aconteça, pois o que está em jogo é o poder da apropriação do discurso. E, de fato, se a região não existisse como espaço estigmatizado, como “provincia” definida pela distancia econômica e social (e não geográfica) em relação ao “centro”, quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) concentrado, não teria que reivindicar a existência. É porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que surgem os grupos de luta que dão novo sentido e valor aos elementos estigmatizados. Assim, para Bourdieu, não basta existir como diferente, mas ser reconhecido legitimamente diferente (BOURDIEU, 2010, pp. 116-129) que é a forma como tentamos compreender estes estudos.

Por outro lado, e ao mesmo tempo complementando o quadro conceitual que estamos perfazendo, a perspectiva de Pierre Bourdieu (1996) sobre a gênese e estrutura do *campo literário* sinaliza deslocamentos sobre o poder da escrita, uma vez que o universo literário como está posto hoje e como o reconhecemos dentro do *canon* literário, constituiu-se no século XIX. Desde então, o mundo cultural cria suas próprias leis e decide o que entra (ou não) em circulação. Ao propor modificações sobre a maneira de ver os campos sociais de produção do poder e do saber Bourdieu desvenda o funcionamento do mundo artístico e cultural tão cheio de regras imperceptíveis e difíceis de serem reconhecidas sem uma atenção especial a cada elemento que o compõe.

Embora estas idéias de Bourdieu se desenvolvam dentro da teoria da criação artística centrada na produção dos impressionistas, é possível polemizar o texto literário, levando em conta as regras da arte e o campo literário que propiciou o seu surgimento. Para isso, colocamos como paradigmas da nossa análise, o campo literário de construção da literatura brasileira produzida em Mato Grosso, percorrendo as linhas de força que gestaram a sua formação e evolução. Assim pensado, a diversidade e as diferentes vozes engendram novas dinâmicas. Mesmo que não se perca de vista o referente histórico-cultural da tradição e do processo alienador do colonialismo, o comprometimento do artista se dá pela tradução da tradição, o que é plausível de conhecimento a partir da *práxis* social. Então, o trabalho literário se volta para a plenitude formal, ou seja, o texto recriado num campo de forças que caracteriza o campo literário em que foi produzido. É nesse campo de forças que a literatura brasileira produzida em Mato Grosso se dá a conhecer desde a criação dos primeiros grêmios, passando pelas instituições acadêmicas de cunho conservador, as publicações em periódicos, até alcançar a autonomia com a manifestação criativa da linguagem, na segunda metade do século XX com escritores como Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, Dicke e Manoel de Barros, entre outros que estão sendo reconhecidos a partir dos gestos de leitura do arquivo.

3

De que maneira a tradição cultural brasileira criou um campo literário próprio que caracteriza o sistema de produção?

Nas primeiras décadas do século XX, quando Gilberto Freyre divulgou o Manifesto regionalista de 1926, no Recife, o documento surgiu como indicador da necessidade de os intelectuais enfrentarem o poder hegemônico, coincidindo com o período de interiorização do Brasil pelas linhas telegráficas de Cândido Rondon. Então, não é sem um propósito que Oswald de Andrade divulgou o Manifesto Antropofágico, de 1924, com decalque do primitivismo e reconhecendo a beleza e dignidade do popular trazido para o erudito, e Mário de Andrade viajou pelos rios amazônicos, recolhendo e interpretando o singular material do norte e nordeste brasileiros, cujos resultados forneceram o húmus de grande parte da sua produção. Em *O turista aprendiz*, um diário de viagem recapitular da sua escritura, é possível anotar passagens de *Macunaíma* e a ideia de desgeograficação, encontrada no filósofo medieval Bernardo Silvestre², que nada mais é que a concepção do micro e macrocosmos exaustivamente adotada por viajantes naturalistas, principalmente a partir do oitocentista Alexander Von Humboldt³.

Os Manifestos de Vanguarda causaram impacto no campo da arte e da historiografia. Seus autores protagonizaram uma retórica antipassadista, com marcado acento da busca de uma expressão nacional. Oswald elaborou o conceito de Antropofagia, celebrando não o primitivismo puro, mas seu poder conflituoso e transformador, reconhecendo a beleza e dignidade do popular. Ou, como diz Benedito Nunes⁴, a “rebeldia instintiva e elaboração mítica”, também utilizada por Silviano Santiago, na década de 1970, para defender a busca da superação da herança colonial (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Na interior diversidade, portanto, o Brasil passa a oferecer um panorama inovador a partir dos escritores de 1930 capitaneados por Lins do Rego, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa que tentaram traçar perfis desintegradores de regiões marcadas pela pluralidade, tanto cultural, quanto política. Daí a configuração de certo desenvolvimento autônomo de culturas divididas por limites geográficos que, paralelo ao antropológico e econômico, acentuou o caráter hierárquico das sociedades, resultando na distorcida ideia de regionalismo.

Em Mato Grosso, algumas mudanças começaram a ser perceptíveis através dos grupos da Revista *Pindorama* e do *Movimento Graça Aranha*, que circularam nas décadas de 30/40 dentro dos princípios oswaldianos. Embora propusessem necessárias reformas literárias em um panorama sócio-histórico ainda arraigado à tradição literária, essas manifestações não deram conta do desligamento dos centros de poder pela ausência de periodicidade e circulação. Os intelectuais que deles fizeram parte trouxeram as novidades após a conclusão dos estudos feitos, principalmente, no Rio de Janeiro⁵, pois como acredita Ángel Rama, “a maioria dos que abandonam suas regiões na juventude e se integram em centros urbanos ou das capitais não perdem a marca profunda com que foram moldados por sua cultura regional, embora a combinem com outras influências e práticas” (RAMA,

² Cf. CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

³ Estudo a ideia de desgeograficação e o estilo da narrativa humboldtiana no texto de minha autoria, **Taunay viajante**: construção imagética de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

⁴ Cf. NUNES, Benedito. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25-26.

⁵ Da Revista *Pindorama* fizeram parte a forte representação da *cuiabania*: Rubens de Mendonça, Gervásio Leite e João Batista Martins de Melo, que se fizeram acompanhar de Euricles Mota, no conseqüente *Movimento Graça Aranha*, com excessão de Martins de Melo. Sobre estas questões ver **Revistas e jornais**: um estudo do Modernismo em Mato Grosso, de Marinei Almeida (2012).

O saber que tem força de fontes (p. 63).

Eu penso renovar o homem usando borboletas (BARROS, 1998, p. 11 e 79).

Assim, os poetas inauguraram formulações estéticas libertadoras, mas ainda num campo de produção restrito. Internamente, foram responsáveis por uma verdadeira transformação cultural que imprimiu os novos rumos da literatura brasileira em Mato Grosso. Através da escrita de denúncia e do sentimento de *cuiabania* cultivado pelo grupo a que pertenciam (o que inclui os acadêmicos do Instituto Histórico e da Academia de Letras), o linguajar local adquiriu estatuto literário e as palavras buscaram o aproveitamento visual da página em branco. Poesia plena e ontológica abraçada à leitura física da palavra, representando a sociedade referenciada no ato da criação.

Nesse sentido Bourdieu afirma que a “antinomia da arte moderna manifesta-se à medida que a autonomia da produção cultural aumenta, pois aumenta, também, o intervalo de tempo que é necessário para que as obras cheguem a impor ao público (a maior parte de tempo contra os críticos) as normas de sua própria percepção, que trazem consigo” (BOURDIEU, 1996, p. 101).

Ao que parece, o pretense projeto literário dos grupos é de um otimismo empenhado. Compara-se ao *princípio esperança*, de Ernesto Bloch, contrário, portanto, à negatividade de Adorno e ao pessimismo histórico de Walter Benjamin. São figurações utópicas de uma visão totalizadora que dirige o olhar para o passado, mas se coloca de frente para o futuro.

Nas figurações utópicas Bloch encontra as pistas que conduzem às transformações humanas. Na reconfiguração do primitivismo e da reelaboração mítica, a retórica antipassadista encontra eco na postura libertadora dos intelectuais de margem que não abandonam a esperança como impulsionadora da renovação.

São os anos coincidentes com o período pós-guerras, fim da ditadura Vargas e início da democratização brasileira. A literatura em prosa revê as tendências regionalistas da recriação dos costumes, da fala e da psicologia do sertanejo, com Guimarães Rosa, o intimismo de Clarice Lispector, as propostas para além de 1922 defendida pela revista *Orfeu*, acreditando na geração livre das amarras da tradição e propondo o restabelecimento da forma artística, principalmente a de João Cabral de Melo Neto. As tendências críticas tratam do artista refletindo sobre sua própria arte, consciente do seu ofício, engajado na temática social. Na fonte dessa experimentação D. Pedro Casaldáliga, já nas décadas de 1960/70, experimenta as contundentes representações do sertão e do sertanejo da amazônia mato-grossense ao tratar dos conflitos de terra do Araguaia:

É possuindo esta nossa Terra
que avançamos, seguros da resposta
na conquista da Terra prometida
É nesta terra velha, nossa mãe, que caminhamos para a Terra Nova,
a Terra-esposa-em-festa para sempre!
(CASALDÁLIGA, 2006, p. 44).

Como a figueira mãe de Dicke, a Terra profetizada de Pedro Casaldáliga, traduz o sonho diurno que, para Ernest Bloch, é um sonho de olhos abertos, portanto, possível pelo empenho do intelectual.

Há, nesse caminho de configuração do sistema literário, dupla ruptura: a externa, vinda dos centros hegemônicos de cultura, importada com o retorno dos próprios intelectuais, e a interna, reconfigurada nos grupos formadores das instituições culturais. É

nesse lugar dos contrários que se pode vislumbrar um quadro literário em que as fases pelas quais se tem compreendido o conjunto da produção intelectual em Mato Grosso encontram-se marcadas por momentos significativos que passam por estudos e revisões epistemológicas.

O primeiro momento, da formação, parece ser fundamental para a compreensão da manutenção do ranço colonial dos primeiros textos de criação - louvação dos ilustres, isolamento e exotismo da terra. Ressaltam-se neste rol, os relatos dos cronistas e das expedições científicas⁶ que compreendo juntamente com aqueles que os tratam como textos de fundação da imagem de um Brasil interior que se queria conhecido e explorado e que Antonio Candido examinou como “ralas e escassas manifestações sem ressonância, mas que estabelecem um começo e marcam posições” de uma cultura em formação que auxiliam na compreensão do seu aspecto literário (CANDIDO, op. cit., p. 15).

Numa segunda fase, considerada de esboço do sistema literário envolve uma “consciência de grupo” (CANDIDO, ibid.) liderado, principalmente, por integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse aspecto é importante verificar a função dos periódicos em número considerável, responsáveis pela circulação dos folhetins que adquiriram características diferenciadas, “atestando total independência do perfil consagrado do gênero nos grandes centros mundiais de cultura: Paris e Rio de Janeiro” (NADAF, 2002, p. 207). Nesse período surgem os primeiros romances: *Luz e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, de José de Mesquita (1928) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944). Tal literatura apresenta aspectos de “retardamento que são normais”, significando simplesmente uma “demora cultural”. Nesse caso, a diversidade local produz uma espécie de “legitimação da influencia retardada, que adquire sentido criador” (CANDIDO, 2006, p. 180-1). A normalidade de que fala Antonio Candido, a meu ver não se reconhece pelo atraso, distanciamento ou estética tardia, mas uma configuração de um processo histórico singular que respondem a circunstâncias e especificidades das culturas dentro das quais se formaram e, portanto, à intensidade dos conflitos, às interferências externas e às interrelações entre o centro e o interior.

Nesse sentido, pode-se dizer que, num terceiro momento, que compreende os anos 1990, é que se começa a construir uma literatura inserida no macrossistema latino-americano. O exemplo mais significativo encontra-se no conjunto das obras que sinalizaram as transformações do esquema poético, como visto. A sonoridade e os recursos gráficos, além da poesia marginal que se desenvolve fora dos esquemas industriais tem alcançado significativa visibilidade, principalmente através dos jovens escritores que surgem de todos os quadrantes do espaço em que se configura a cultura brasileira, impulsionando o esforço revisionista do conjunto da historiografia e da crítica literária brasileira.

Os valores tradicionais são abalados. Portanto, não cabe mais a visão monolítica do legado cultural historicamente acumulado, mas o tratamento específico daqueles valores macerados internamente, dando origem a uma reinvenção, ou como diz o crítico Angel Rama, “uma neoculturação baseada na cultura interior sedimentada quando ela é arrasada pela história renovadora”, buscando uma situação de equilíbrio (RAMA, op. cit., p. 317-8). Então, o que se busca são as tensões do húmus cultural de modo a recolocá-las no trânsito entre os atores sociais e nas complexas relações de produção.

⁶ Cf. PÓVOAS, 1982.

Algumas considerações finais

Enfrentar o surgimento (e a constatação) de uma cultura interior de gosto provinciano como fala Antonio Candido, tem aproximado os pesquisadores pelos diálogos com outros discursos estéticos que separam as culturas ditas de centro e de periferia, colocando-nos em sintonia com aqueles discursos marcados por robustas e válidas regiões culturais que traçam um segundo mapa da América Latina, como Angel Rama (op. cit.) tem analisado as duas linhas de força dessas discussões: da tradição (que luta pela manutenção da utópica unidade) e do contemporâneo (que procura potencializar as forças da minoria).

A perspectiva sócio-cultural, portanto, permite reconstituir o funcionamento dos grupos de poder constantemente presentes nas estruturas culturais das personagens recriadas pelos escritores, num momento em que, frente ao enfraquecimento do eurocentrismo, vivemos o momento da consciência da ideia de subdesenvolvimento que se transcultura. Nesse sentido, o papel das duas universidades – a federal, em Cuiabá, e a Estadual, em Cáceres, ambas com polos regionalizados em diferentes pontos do Estado de Mato Grosso – tem sido fundamental, notadamente a partir da década de 1970. Nesses mais de trinta anos o panorama cultural se transformou. A criação de Museus, Fundações Culturais Municipais e de Núcleos e Centros de Pesquisa, no interior das universidades, fizeram proliferar a editoração de obras literárias até então presentes apenas em periódicos de difícil acesso e, principalmente, a proliferação das pesquisas científicas, possibilitando a veiculação de farto material crítico.

Desta forma parece pertinente a afirmação de Carlos Gomes de Carvalho (2004) sobre uma presença telúrica de Mato Grosso e da Amazônia como uma força centrípeta e convergente para a constituição de uma cultura autenticamente brasileira que componha a riqueza da junção de gentes de várias partes do país. Para isso, pensa uma “perspectiva amazônida” para se compreender o local, plural e multicultural de/em Mato Grosso.

Dizer isso significa, na hipótese do que propõe Giorgio Agamben (2006), trabalhar por paradigmas, neutralizando a falsa dicotomia entre universal e particular. Um paradigma que, no sentido grego do termo, é exemplar, por isso, particular enquanto transformador dos campos de tensão pelos quais é possível a recriação de outras vias. Para pensar as antinomias dos campos de produção, Agamben está próximo (não completamente coincidente) ao que foi proposto por Foucault, mas dele se distancia pela análise das dicotomias estruturantes das culturas que, como são bipolares, fazem compreender a situação atual dos campos de forças percorridos por tensões internas e externas, como vimos.

Se o aparecimento dos intelectuais testemunha o fortalecimento regional, em que ficam de fora as formas ritualizadas, está em processo uma forma de articulação textual que permite novas maneiras de pensar/compreender os sujeitos e a (re)construção da ideia de territórios, fronteiras e criação artística. A literatura que se quer participante aspira plenitudes que vão além dos estereótipos, centram-se na linguagem, no poder que ela pode ter além das fronteiras sociais (supranacionais). Procura-se não o tradicional identificado com as apropriações conservadoras, mas a tradição que se faz presente, raízes que motivam a história. Não o folclorismo, nem o ufanismo ou saudosismo próprio do português, como diz Abdala Júnior, mas a libertação artística-ideológica do povo (ABDALA JÚNIOR, 2007, p. 274). Essa apropriação materializa-se na/pela escrita oposta à tradição.

Então é preciso, não só romper com o que está posto, mas criar (e reconhecer) novos paradigmas que não reduzam o regionalismo à paixão, ou mesmo à patologia para que se possa reencontrar novos pontos de partida, posições nos espaços de poder e de produção

em que o jogo é comandado pelo sujeito produtor do conhecimento, permitindo neutralizar os domínios e submissões.

Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **De voos e ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê, 2007b.

_____. **Literatura comparada e relações comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **Entrevista com Giorgio Agamben**. Flávia Costa (entrevistadora). Tradução de Susana Scramim. Revista do Departamento de Psicologia/UFF, vol. 18. Nº 1. Niterói, jan./jun., 2006. Disponível em <http://dx.doi.org/>

AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra G. T. (Orgs.). **Ángel Rama**: literatura e cultura na América Latina. Tradução: Raquel La Corte dos Santos & Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e jornais**: um estudo sobre o Modernismo em Mato Grosso. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2012.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BLOCH, Ernest. **O princípio esperança**. V. 1. Trad. Nelson Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 13 ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2010.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. 2006. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 169-196, 2006.

CARVALHO, C. G. de. **Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso**. 2 vol. Cuiabá: VerdePantanal, 2004.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos adversos**: antologia de Pedro Casaldáliga. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2006.

DIAS-PINO, Wladimir. **A separação entre inscrever e escrever** (Exposição). Cuiabá: Edições do Meio, 1982.

DICKE, R. G. **Madona dos Páramos**. Rio de Janeiro: Edições Antares/Brasília: INL, 1982.

FREIRE, B. S. Silva. **Águas de visitação**. Cuiabá: Edições do Meio, 1980.

MIGNOLO, Walter. **Tradiciones orales, alfabetización y literatura** (o de las diferencias entre El corpus e El Canon). In: IX congresso Internacional de Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL, Campinas, Brasil, 6-10, ago, 1990.

PÓVOAS, Lenine Campos. **História da cultura matogrossense**. Cuiabá, 1992.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as conferência Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.